

# REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES: O HCTE NO DIVÃ

**Pedro Mattos Beranger**

Mestre HCTE/UFRJ  
pberanger@gmail.com

**Ricardo Silva Kubrusly**

Professor HCTE/UFRJ  
riskuby@gmail.com

O presente trabalho tem gênese no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia na época de minha dissertação defendida no mesmo *Topologia e psicanálise: Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma*. Um programa afeito à proposta da interdisciplinaridade onde o convívio com diversos saberes ditos “abertos” deveriam se debruçar sobre as questões e questionamentos que trazem à luz os seus limites.

A proliferação de programas interdisciplinares no contexto acadêmico e a inserção de novos saberes, contudo, até o presente, não se fizeram garantia de uma direção que solidifique realmente uma prática interdisciplinar entre os vários saberes que os integram.

Isto, podemos inferir, dado o vínculo guardado à psicanálise no âmbito do programa em que nos encontramos. Relação bastante curiosa onde é geralmente acusada de não oferecer nada de novo e de ser extremamente limitada, ela, na grande parte das vezes, é posta num patamar inferior dentro da hierarquia dos saberes.

Disso, acreditamos que a busca frenética de estabelecimento de manutenção da ordem mostra não somente uma necessidade de se excluírem as questões trazidas pelo saber psicanalítico, mas, sobretudo, a importância de se fazer a distinção radical referente ao sintagma laciano sujeito do inconsciente.

Em nossa passada no HCTE ficou claro que há dois modos distintos de se conceber a prática acadêmica, principalmente quando o sujeito do inconsciente aparecia em cena e acabava por ser codificado pelos saberes científico-filosóficos. Situação esta que acreditamos ser marca exemplar da relação que se estabelece com os questionamentos trazidos pelo saber psicanalítico dada sua disposição no trabalho com a noção de enigma.

O sujeito do inconsciente assusta e, especialmente, angustia os saberes que estão ao seu

redor por se inserir no contexto acadêmico como um obstáculo epistemológico. Obstáculo pois mesmo com todo esforço objetivo do discurso científico-filosófico de, já numa espécie de concessão, torturá-lo segundo seu método objetivante, mesmo no afã de se desfazer do tamanho incômodo que ele traz escondendo-o, tomando-o como objeto codificável, ele perturba a necessidade de se evitar qualquer encontro com a falta no saber.

O conceito de inconsciente não deixa de envolver uma objeção aquele discurso que se pretende completo, assim como apontado nos capítulos anteriores e que podemos aproximar ao discurso do mestre, o que em nosso caso, esta para o da academia contemporânea.

Lugar onde os saberes visam à generalização do saber, a academia, longe de interrogar o próprio saber, acusa aquele que não se adéqua ao desejo de totalidade, acusa aquele que, portanto, perturba a ordem. Nesta direção, com a generalização, podemos julgar, há a criminalização generalizada dos saberes que, numa espécie de lógica, põe todos como culpáveis futuros. Por conseguinte, e se há culpáveis futuros, cada um é um em potencial, logo, cada saber torna-se agente potencial do poder, o que acaba por estabelecer uma hierarquia dos saberes. Hierarquia onde a psicanálise, no contexto em que nos encontramos, acaba sendo posta em último escalão.

Ora, para manter a ordem, a hierarquia, o recenseamento dos diversos saberes apresenta-se como instrumento perfeito que estabelece critérios para o racionamento que toma a forma de uma realidade inexorável. Mas, se há generalização e hierarquia, entendemos, é por conta da escusa daquilo que a singularidade implica.

Diante disso, como praticar a interdisciplinaridade?

Para responder tal questão, trazemos algumas de nossas reflexões e provocações baseados na chamada prática entre vários, não somente como forma de justificar nossos esforços materializados no atual trabalho, mas para lançar uma discussão que acreditamos ser de grande contribuição ao respectivo programa.

Dispositivo analítico originado e realizado em instituições e entre vários profissionais de saúde que responde ao impasse, ele tem como objetivo antes de tudo, produzir e manter um espaço de saber, uma ausência de saber.

Espaço de saber que compreendemos ser essencial para a colocação do problema do sujeito do inconsciente. O que só se pode fazer, de antemão, se não ocuparmos a posição de detentor do saber. Ressalva, aliás, cara à possibilidade de uma prática interdisciplinar real.

Dessa forma, entendemos a prática entre vários – não tomada como regra, muito menos como princípio, pois desejamos ao HCTE, sempre, o esforço de reinventar-se a cada caso, sob a

pena de não perdurar – como direção de trabalho, especialmente por se pretender interdisciplinar.

Em um trabalho assim idealizado e realizado sob inspiração da prática entre vários, onde o padecer da certeza do saber é ponto nevrálgico, para consumir-se ética e produtivamente deve, julgamos, pensar seu funcionamento dado numa relação entre vários pesquisadores que não seja pelo diploma ou pelo saber que cada profissão carrega. Desse modo, a responsabilidade pela produção do saber científico seria exercida por cada um na instituição ocupando o lugar que lhe é próprio. E a direção dessa produção, longe de desconsiderar o saber próprio de especialidade que tem muito a somar ao desenvolvimento do trabalho interdisciplinar, procura o esvaziamento do gozo próprio de cada saber.

Assim, nesse trabalho há o estabelecimento de uma parceria para tornar possível a introdução de uma diferença, uma quebra ou mudança nas repetições, cujo efeito é o surgimento de uma abertura que inferimos ser o necessário tanto à prática interdisciplinar quanto à colocação do conceito de sujeito do inconsciente.

Portanto, entendendo que o HCTE tem, antes de qualquer coisa, a função de transmissão e transformação social, avaliamos que essa empreitada só poderá se realizar apostando nas questões e questionamentos trazidos pelo conceito de sujeito do inconsciente dado no cerne do campo psicanalítico. Ou seja, deve-se subverter a lógica político-social vigente onde há o aniquilamento, a intolerância e, o que é mais perverso, o uso leviano do saber psicanalítico nos programas interdisciplinares presentificado no insulamento causado pela supervalorização a despeito da crescente interdependência dos saberes.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERANGER, P. Topologia e psicanálise: Da subversão do espaço ao sujeito como corte e a banda de Moebius como paradigma. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.